

PDF - Cidade Remoção continua sem derrubadas

A derrubada da creche e da casa da ex-líder comunitária da Estrutural, Marlene Mendes, aquietou os ânimos explosivos de boa parte das 2,5 mil famílias que permanecem na invasão. Todos os dias, 30 barracos são destruídos e as famílias removidas e transferidas para lotes sem água e tratamento de esgoto em localidades como Riacho Fundo, Recanto das Emas II e Planaltina.

A indignação dos moradores se concentra mais na forma com que as remoções são feitas, sem prévia comunicação. Muitos deles saem da invasão sem saber ao certo para onde vão. Pior: aqueles que não se cadastraram ou não constam da listagem da administração local da PM, são expulsos e ficam no meio da rua. A presença de fiscais da administração do Guará (à qual pertence a invasão) serve mais para legalizar as operações do que assegurar um destino certo para os atingidos.

Um desses é o motorista desempregado Francisco Antônio dos Santos Xavier, na região desde 1970. Sem perspectiva de conseguir outro lugar no mercado, Xavier é o retrato da humilhação. "Se vierem me tirar daqui, vou lutar até o fim", adianta Xavier, que aceita desfazer seu barraco, onde vive com sua mulher e dois filhos pequenos (7 e 4 anos), desde que tenha garantia de transferência para um lote. Sua mulher, a manicure Fátima Queiróz Bandeira, é quem responde hoje pelo sustento da família, com serviços autônomos no Guará, que lhe rendem até R\$ 160,00 por mês. "É uma injustiça o que o GDF está fazendo com os pobres", reclama.

A dona-de-casa Antônia Menezes, casada, uma filha de 15 anos, teve seu barraco demolido ontem por policiais militares que atuam no local. Como não está cadastrada, se-

Carlos Eduardo



Antônia Menezes empunha uma faca, sob vigilância da Polícia Militar: 30 famílias estão sendo retiradas por dia

gundo a PM, será despejada. Antônia discorda da versão policial. Moradora da invasão há 15 anos, ela alega ter procurado o major Wolney, encarregado da administração da PM no local, e se cadastrado. "Devem ter perdido a minha ficha e agora querem derrubar minha casa, sem me dar outra", acusa Antônia, que denuncia os policiais por espancarem sua filha e de rodearem sua casa de madrugada.

O major PM Wolney Rodrigues, administrador-militar da Estrutural, afirma que não foram registrados

novos incidentes depois da demolição da creche. No entanto, mantém contato permanente para acionar os policiais da Patrulha Tática Móvel (Patamo) a qualquer denúncia de bomba em alguma parte da região.

A líder comunitária Marlene Mendes diz estar sendo perseguida e ameaçada de morte, e acusa o deputado distrital José Edmar de estar envolvido nisso. "Durmo a cada dia em um lugar diferente para garantir a minha vida. Já mandei até meus filhos para fora do Distrito Federal por questões de segu-

rança", revela Marlene, que não pretende deixar a invasão. Edmar, por sua vez, considera a acusação da líder completamente descabida. "Não sei com que base ela afirmou isso", rebate.

O deputado revela que o major Wolney já enfrenta 14 processos por abuso de poder e ataca o governador Cristovam Buarque "por utilizar meios próprios da ditadura e de um governo autoritário, que mata e retira à força e às pressas os moradores do local, em troca de apoio político para as próximas eleições".